

## Documento final do intercâmbio regional de mulheres indígenas do Amapá, norte do Pará e Amazônia



Entre os dias 22 e 24 de novembro de 2018, nós - 66 mulheres dos povos Wajãpi, Aparai, Tiriyo, Wayana, Katxuyana, Txikiyana, Karipuna, Palikur, Galibi Marworno, Shanenawa, Wapichana, Saporá, Kaiabi, Baré e Katukina – nos reunimos no Centro de Formação e Documentação Wajãpi, na Terra Indígena Wajãpi, Amapá, para trocar experiências, conhecimentos e fortalecer nossa articulação. Durante os três dias de intercâmbio, nós conhecemos as aldeias e roças wajãpi, falamos sobre educação, conhecimentos próprios dos povos indígenas e dos não-indígenas, sobre as formas como as mulheres realizam atividades dentro e fora das aldeias e sobre nossas preocupações com o futuro.

Nós mulheres indígenas, fizemos esse encontro porque temos que nos unir, para fortalecer nossa cultura nas nossas aldeias e também para enfrentar as políticas de fora que atingem todos os povos indígenas. As mulheres têm que se reunir e trocar ideias para dar força umas para as outras. Temos que ensinar nossos filhos para eles aprenderem com a gente enquanto ainda estamos vivas; para eles se prepararem para defender suas terras; saber fazer a roça para as futuras gerações. Precisamos de apoio e valorização dos saberes das mulheres indígenas, das coisas que temos para repassar para nossos filhos dentro e fora de nossas casas. As mães e as mulheres são muito importantes para a educação dos filhos. Por isso nos preocupamos com o jeito como é feita a educação escolar dos nossos filhos; essa educação formal não é feita junto com as mulheres indígenas, não considera nossos conhecimentos. Eles dizem que a educação indígena é diferenciada, mas nosso diferencial não é respeitado na educação. A gente precisa aprender conhecimentos que vêm de fora, mas esses conhecimentos precisam ser passados dentro da sala de aula com um jeito diferenciado, e permitir que os filhos passem tempo com os pais para aprender os conhecimentos do seu povo também. Ficamos preocupadas quando os jovens vão estudar na cidade, porque acabam se envolvendo com outras coisas e tendo problemas, não ouvindo os conselhos dos mais velhos.

Nós, mulheres que estamos à frente, temos que pensar como melhorar a saúde e a educação. Vemos que não tem uma maneira específica de cuidar da saúde da mulher indígena, que é uma coisa muito delicada e precisa de atenção. Em vários lugares faltam médicos e medicamentos nas aldeias, e isso é muito importante, porque muitas de nós vivemos em terras indígenas longe das cidades. Já pedimos melhorias para saúde indígena e para os Distritos Sanitários Especiais

Indígenas (DSEI), mas muitas vezes não somos atendidas. E agora estamos mais preocupadas com o futuro, porque muitos médicos que eram cubanos estão saindo de nossas aldeias e isso já está prejudicando a saúde indígena, que vai ficar mais precária – quando não tem médico na Terra Indígena, em muitos lugares temos que tirar paciente de emergência por avião, barco ou longas viagens de carro para fazer exames e tratamento. É bem difícil sair de algumas aldeias, por isso é melhor quando tem médico na aldeia; sem eles fica complicado.

Nós mulheres temos que lutar pela saúde e educação diferenciada, mas também nos preocupamos muito com as nossas territórios indígenas. A gente cuida da nossa floresta, sabemos cuidar desde os nossos antepassados; nós não poluímos os nossos rios. E estamos preocupadas com o novo presidente eleito. Ele fala bonito, diz que todos os brasileiros têm que ter direitos iguais, mas nós temos nossos direitos diferenciados, queremos educação e saúde diferenciadas. Bolsonaro já vem falando coisas sobre nossos territórios, dizendo que não vai ter mais nenhuma demarcação e que as terras já demarcadas não vão ser ampliadas. O novo governo quer diminuir nossa terra, nossa floresta, essa é nossa preocupação. O novo governo não sabe como nós moramos dentro das nossas terras, não conhece nossos jeitos de viver; a gente tem que lutar pelos nossos direitos e pela nossa cultura. O novo governo não apoia e nem reconhece as culturas indígenas.

Às vezes a gente acha que as terras que estão demarcadas estão protegidas e não precisamos nos preocupar mais com elas, mas eles querem rasgar a Constituição Federal de 1988 e, junto com isso, acabar com os povos indígenas. Nós temos netos que precisam dessas terras para viver. A qualquer momento o novo governo pode desestruturar tudo aquilo que foi feito para garantir nossos direitos. Por isso é importante para nós mulheres indígenas conhecer o que está acontecendo e sendo discutido no Congresso Nacional.

Queremos agora que esses direitos sejam assegurados pelos senadores e deputados que foram eleitos. Tem um Projeto de Lei que está em discussão em Brasília (PL 490, que substituiu a PEC 215), para rever o procedimento de demarcação de Terras Indígenas, alterar o Estatuto do Índio e facilitar a exploração das nossas terras. Também querem liberar a mineração nas áreas protegidas, terras que nós indígenas protegemos para que a floresta continue em pé. Se aprovarem essa lei, tudo isso praticamente vai ser destruído.

É muito importante nos diálogos com o governo que nossos protocolos de consulta sejam respeitados, que os governos venham para nossas aldeias conversar e respeitem nosso tempo e jeito de tomar decisões. Se nossos protocolos de consulta não forem seguidos, a gente não vai mais ter nosso direito de consulta prévia e o governo já vai direto realizar seus projetos, sem nos ouvir primeiro.

Outra questão que nos preocupa é que o novo governo quer enfraquecer a FUNAI e acabar com as ONGs que apoiam os povos indígenas, parceiros que sempre nos apoiaram e lutaram junto com a gente para proteger as nossas florestas e a nossa terra. Sabemos da importância da FUNAI e dos parceiros e não achamos que isso deva deixar de existir.

#### **A partir das discussões que fizemos declaramos que:**

Vamos lutar juntos, mulheres e homens, contra esse governo anti-indígena, pelos nossos direitos. A gente não está falando à toa, temos direitos garantidos na Constituição Federal e na

Convenção 169 da OIT. Esses direitos já foram garantidos por governos anteriores e agora ameaçam voltar atrás.

Nós povos indígenas vamos nos unir cada vez mais. Hoje nós mulheres estamos reunidas para fortalecer nossa luta e nossas lideranças. Os homens podem fortalecer a luta das mulheres, nos apoiando para nós podermos fazer nossas reuniões. É muito importante ver as jovens participarem ao lado das senhoras, como nesse encontro, porque assim a gente forma as mulheres mais novas para atuar junto às nossas tias, às nossas avós. Pois elas serão as futuras lideranças que vão trabalhar pelos nossos direitos.

Vamos continuar fazendo reunião, assembleias, encontros e intercâmbios de mulheres, para resolvermos questões das nossas comunidades para nosso futuro. Para trocar experiências sobre como os outros povos vivem, como se reúnem, como se cuidam. É importante tudo isso, essa força das conversas das mulheres. Animadas, alegres, comemos juntas, bebemos juntas.

O novo governo quer mudar nossas culturas. Para que mudar nossas culturas, nossos modos de viver? Nós não estamos mexendo com a cultura dos não-indígenas. Vamos continuar alegres e lutando pelas nossas coisas.

Temos nossos remédios tradicionais, temos nossos pajés, eles sabem como nos ensinar. Muitas mulheres são parteiras que podem ensinar mulheres grávidas. Podemos fazer hortas, plantar nossos medicamentos, e não ficar só esperando pelo governo. Nós sabemos que os governantes são anti-indígenas. Eles não estão nem aí se os índios estão morrendo.

#### **Nossas demandas:**

- Respeitar a autonomia e as decisões dos povos indígenas sobre como viver e cuidar dos seus territórios;
- Garantir políticas e atenção diferenciada aos diversos povos indígenas no Brasil, reconhecendo suas especificidades e as demandas próprias das mulheres;
- Garantir a presença das mulheres indígenas em instâncias de discussão e decisão sobre políticas públicas;
- Incentivar e fortalecer as mulheres para aumentar a participação dentro das organizações indígenas dos povos e no movimento indígena;
- Fortalecer as nossas associações de mulheres indígenas;
- Apoiar a atuação de ONGs, pois são parceiros importantes para a promoção do bem estar dos povos indígenas;
- Realizar outros encontros de mulheres indígenas para continuar a conversa, a articulação e a luta;
- Realizar oficinas entre as mulheres para fortalecer e revitalizar a medicina tradicional;
- Fazer encontros para falar sobre mudanças na alimentação dos povos indígenas que afetam nossa saúde;
- Organizar oficinas de conhecimentos tradicionais e dos saberes dos diferentes povos;

- Impedir retrocessos no direito às terras indígenas já demarcadas e garantir a demarcação para os povos que ainda não têm sua terra reconhecida;
- Impedir a exploração dos nossos territórios. NÃO À MINERAÇÃO EM TERRAS INDÍGENAS!

25 de novembro de 2018,

Terra Indígena Wajãpi